

ANÁLISE DA TRADUÇÃO DA LEGENDAGEM DA LÍNGUA INGLESA NA SÉRIE *ATLANTA*

ANALYSIS OF THE TRANSLATION OF ENGLISH SUBTITLING IN THE SERIES ATLANTA

Laura de Almeida

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0158-4066>

Docente do Curso de Letras na Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus (BA), Brasil
E-mail: lalmeida@uesc.br

Thiago Carmo de Sousa

Graduando em Letras na Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus (BA), Brasil
E-mail: thiago.carmo@outlook.com

Resumo: A presente pesquisa analisou elementos filmicos e críticas na série *Atlanta* dirigida e estrelada por Donald Glover. Considerando que as personagens destacadas utilizam de uma forma de falar que não corresponde à norma padrão da língua inglesa, buscamos detectar a variação linguística utilizada. Selecionamos as falas em que não sejam utilizadas a língua padrão da língua inglesa, e confrontamos com a linguagem traduzida para a língua portuguesa. Desta forma, analisamos a legendagem do *Black English Vernacular* (BEV) para a língua portuguesa na série *Atlanta* através da seleção de diálogos de um dos personagens do filme, tratamos de realizar uma descrição como a tradução da legendagem foi adaptada para que valorizasse a identidade do mesmo. O personagem analisado que fez mais uso do BEV foi Paper Boi, um rapper em ascensão primo de Earn, personagem que também foi analisado. Como objetivos, buscamos fazer um levantamento das variações linguísticas e comparar com o original na língua inglesa; apresentar formas de tradução mais condizentes com o que é dito pelas personagens e verificamos se a identidade cultural das personagens pode ser prejudicada pelas traduções. Partimos da hipótese que tal escolha do tradutor revela uma falta de preocupação, ou interesse em reproduzir a identidade do personagem. A metodologia adotada foi de cunho bibliográfico, sendo que as análises dos dados coletados serão feitas de forma quali-quantitativa. Partimos dos pressupostos teóricos da sociolinguística preconizados por Labov (1972) e discutidos por Tarallo (1986) sobre variação linguística da língua inglesa denominada *Black English Vernacular* (BEV). Como principais resultados observamos que as traduções das falas destacadas não contemplam a variação linguística dos personagens. Concluímos que existe uma tendência em salientar o uso da norma padrão ao traduzir a legendagem mesmo quando sua adaptação poderia ocorrer de outra forma.

Palavras-chave: Variação linguística; Tradução; *Black English Vernacular*; legendagem.

Abstract: This research analyzed filmic and critical elements in the *Atlanta* series directed and starring Donald Glover. Considering that the highlighted characters use a way of speaking that does not correspond to the standard norm of the English language, we seek to detect the linguistic variation used. We selected the statements in which the standard English language is not used, and we confronted the language translated into Portuguese. Thus, we analyzed the subtitling of the *Black English Vernacular* (BEV) for the Portuguese language in the *Atlanta* series through the selection of dialogues of one of the characters in the film, we tried to

perform a description how the translation of the subtitling was adapted so that it valued the identity of the same. The character analyzed that made the most use of the BEV was Paper Boi, a rising rapper Earn's cousin, character that was also analyzed. As objectives, we seek to survey linguistic variations and compare with the original in English; present forms of translation more consistent with what is said by the characters and we verify whether the cultural identity of the characters can be impaired by the translations. We start from the hypothesis that such choice of translator reveals a lack of concern, or interest in reproducing the identity of the character. The methodology adopted was bibliographic in nature, and the analyses of the collected data will be made in a qualitative-quantitative way. We start from the theoretical assumptions of sociolinguistics recommended by Labov (1972) and discussed by Tarallo (1986) on linguistic variation of the English language called Black English Vernacular (BEV). As main results we observed that the translations of the highlighted statements do not contemplate the linguistic variation of the characters. We conclude that there is a tendency to highlight the use of the standard when translating subtitling even when its adaptation could occur otherwise.

Keywords: Linguistic variation; translation; Black English Vernacular; Subtitling

Introdução

O presente trabalho justifica-se, pois, não existem, tanto quanto sabemos, muitas pesquisas sobre a temática aqui proposta. Ou seja, analisar a legendagem do *Black English Vernacular* (BEV) para a língua portuguesa na série *Atlanta*. Através da seleção de diálogos de um dos personagens do filme, tratamos de realizar uma descrição como a tradução da legendagem foi adaptada para que valorizasse a identidade do mesmo.

A série *Atlanta* traz elementos linguísticos que não correspondem à forma padrão da língua inglesa. Entre os personagens principais estão Earn (Donald Glover) Darius (LaKeith Stanfield) e Paper Boi (Brian Tyree Henry), que são nosso foco de estudo. Abaixo, uma foto ilustrativa dos personagens da série:



Fonte: <https://www.agenciaprimaz.com.br/2020/06/01/atlanta-serie-disponivel-na-netflix-de-extrema-importancia/>

A questão ou problema a ser abordado está ligado à análise da variação linguística de personagens em legendagem de filmes ou séries do original em inglês e sua respectiva tradução para a língua portuguesa. Notamos que ao serem traduzidas as diferenças dialetais são apagadas ou não retratadas na língua a ser traduzidas. Partimos da hipótese que tal escolha do tradutor revela uma falta de preocupação, ou interesse em reproduzir a identidade do personagem. Constatamos tal postura devido à escassez de estudos na presente área aqui proposta e com base em pesquisas realizadas que mostram a preferência dos leitores em lerem a obra traduzida sem se importar em buscar o texto original.

O *Black English Vernacular* (BEV) é uma variação do inglês padrão comumente utilizado na comunidade negra americana. A série *Atlanta*, criada, dirigida e estrelada por Donald Glover, possui personagens que fazem uso deste dialeto e, nesse projeto de pesquisa, buscamos analisar a forma como essa variação é tratada no processo de tradução da legenda.

Como objetivos, buscamos fazer um levantamento das variações linguísticas e comparar com o original na língua inglesa; apresentar formas de tradução mais condizentes com o que é dito pelas personagens e verificar se a identidade cultural das personagens pode ser afetada pelas traduções.

Nossa fundamentação teórica baseou-se em Labov (1972) por seus estudos na observação do BEV, onde classificou suas regras como: uso do *ain't* em sentenças negativas; omissão do verbo *to be* em sentenças afirmativas e interrogativas e omissão do “r” e de grupos consonantais em finais de palavras. Mendonça (2015) por seu estudo da tradução legendagem de *Laranja Mecânica* (1971) de Stanley Kubrick, devido ao dialeto criado por Anthony Burgess, autor do livro que deu origem ao filme. Sarian (2008) por estudos de tradução de linguagem padrão e linguagem dialetal.

Partimos do pressuposto de que a legendagem tende a trazer a norma padrão em suas traduções dialetais, apesar de não fazer o mesmo em traduções de sotaques como quando

vemos russos ou franceses falando inglês e as legendas trazem consigo essa identidade ao “errar” o uso do verbo “ser”, o artigo de gênero ou enfatizar o uso do “r”.

Apresentamos brevemente, um resumo do *Black English Vernacular* (BEV):

- É uma variante Africana do inglês Americano.
- Tem suas raízes históricas em uma forma creolizada do inglês do tempo da escravidão.
- Contexto Educacional: o *BEV* tem sido o centro de controvérsias sobre a educação dos jovens africanos americanos, uma vez que alguns educadores aprovam o uso do *BEV*, enquanto outros não.
- Contexto Social: constatou-se que não existe nada de errado com o *BEV* como uma variante, uma vez que é intrínseco a todo e qualquer grupo social imprimir a sua identidade no ambiente ao qual faz parte.

Material e métodos

Como objetivos, buscamos fazer um levantamento das variações linguísticas e comparar com o original na língua inglesa; apresentar formas de tradução mais condizentes com o que é dito pelas personagens e verificar se a identidade cultural das personagens pode ser afetada pelas traduções.

Nossa fundamentação teórica baseou-se em Labov (1972) por seus estudos na observação do BEV, onde classificou suas regras como: uso do *ain't* em sentenças negativas; omissão do verbo *to be* em sentenças afirmativas e interrogativas e omissão do “r” e de grupos consonantais em finais de palavras. Mendonça (2015) por seu estudo da tradução legendagem de *Laranja Mecânica* (1971) de Stanley Kubrick, devido ao dialeto criado por Anthony Burgess, autor do livro que deu origem ao filme. Sarian (2008) por estudos de tradução de linguagem padrão e linguagem dialetal.

Partimos do pressuposto de que a legendagem tende a trazer a norma padrão em suas traduções dialetais, apesar de não fazer o mesmo em traduções de sotaques como quando

vemos russos ou franceses falando inglês e as legendas trazem consigo essa identidade ao “errar” o uso do verbo “ser”, o artigo de gênero ou enfatizar o uso do “r”.

Fundamentação teórica

O modelo teórico adotado é com base em pesquisas sobre tradução/ legendagem, além dos estudos sociolinguísticos e dos estudos culturais e de identidade cultural. Assim, adotamos as teorias sociolinguísticas de Labov (1972), Tarallo (1986) e Faraco (2015) sobre variação linguística; as pesquisas de tradução de obras clássicas de Sarian (2008) contrastando a linguagem padrão e a dialetal e por fim, quanto ao estudo da legendagem, destacamos Mendonça (2015). Além dos estudos culturais de Hall (2002) que serão levados em consideração, pois que discutem a identidade cultural.

Tarallo (1986) aponta a tentativa do uso padrão da língua em programas de tv, com um decaimento de tal esforço em programas menos formais. Como o episódio em análise para o artigo se trata de um canal de tv, pode ser feita a análise intencional do uso da língua padrão e não-padrão a partir do cargo de quem apresenta e do intuito do programa em questão:

A implantação da norma-padrão traz como consequência imediata a unidade da língua nacional. Nesse sentido, você poderá investigar fontes de dados que tenham por objetivo a unificação da língua nacional, por exemplo, os meios de comunicação de massa: a linguagem da mídia (TARALLO, 1986, p. 58).

No tocante à variação linguística, a coletânea de Faraco et al (2015) embora concentre-se na abordagem da variação linguística no ensino da língua portuguesa, forneceu subsídios para o entendimento sobre “norma culta”, “norma padrão”, dentre outros conceitos pertinentes à área sociolinguística e que podem ser adotados em nosso estudo.

Com base no exposto, ressaltamos o estudo da tradução e sua relação com a sociolinguística, nas pesquisas Sarian (2008) a qual apresenta questões concernentes à tradução dialetal. Para tanto, parte da visão estruturalista, passando à vertente pós-

estruturalista da tradução, sobretudo a seu viés político. Desta forma, a autora analisa a presença de linguagem não padrão na literatura traduzida e ao papel que as editoras exercem no momento de autorizar o uso de dialeto nos textos escritos.

Sarian (2008) ressalta as visões estruturalista e pós-estruturalista da tradução dialetal:

De acordo com Lawrence Venuti (1992, p.4), teórico ítalo-americano, a “estratégia de fluência” promovida pelo mercado norte-americano se caracteriza pelo emprego de “sintaxe linear, sentido único ou ambiguidade controlada, uso corrente, consistência linguística, ritmos conversacionais” e evitaria “construções não idiomáticas, polissemia, arcaísmo, jargão, mudanças bruscas de tom ou dicção, entre outros, qualquer efeito textual, qualquer jogo de significado que chamem atenção para a materialidade da linguagem, para palavras enquanto palavras, para sua opacidade, resistência a resposta empática e domínio interpretativo. Quanto mais fluente a tradução, mais fácil sua leitura, o que favorece o aumento das vendas. (SARIAN, 2008, p.2).

Segundo a autora, uma vez que dialetos possuem contexto histórico e cultural, termos de equivalência em uma tradução sugerida por Catford não seria possível. Aí entra o tradutor como sujeito do processo de tradução.

No tocante à variação linguística da língua inglesa, ressaltamos Oliveira (2001) que faz uma análise linguística do *ebonics*, dialeto dos negros norte-americanos, investigando qual a sua influência na identidade cultural dos grupos que a utilizam. O autor conclui que não está esclarecido até que ponto o inglês negro influencia a pronúncia dos brancos do sul dos EUA e há dados conflitantes sobre as origens do mesmo. A partir do século XIX, graças aos movimentos abolicionistas e suas reivindicações dos direitos civis dos negros, começamos a ver obras literárias solidárias ao inglês negro, como em *Uncle Tom's Cabine*, de Harriet Stowe e *Huckleberry Fin* de Mark Twain. Nas últimas décadas do mesmo século, a cultura negra espalhou-se e tornou-se conhecida, especialmente graças à sua música, como *jazz* e *blues*, ao mesmo tempo em que houve um processo de crescimento de oportunidades para negros na área política e profissional. De todo modo, imigrantes negros, mexicanos e porto-riquenhos tiveram sucesso em manter seus modos peculiares de falar inglês e espanhol nas décadas de 70 e 80, visando não se tornarem uma massa homogênea à cultura padrão norte americana, mas sim se estabelecerem e terem suas próprias identidades culturais.

Com base em Oliveira (2001, p. 8), foi possível conhecer um pouco da história do BEV, “Nos fins da década de 90, autoridades escolares da cidade de Oakland, no Estado da Califórnia, decidiram reconhecer o *inglês negro* como idioma.” Os responsáveis pela decisão afirmam que o BEV tem raízes não anglo-saxônicas, por isso deve ser ensinado em educação bilíngue.

Oliveira (2001, p. 8) apresenta, também, a ideia do *ebonics* ser língua usada para lecionar seus usuários, “seus defensores, entre eles o famoso linguista e pesquisador William Labov, da Universidade de Pensilvânia, acham que tal decisão vai ajudar os alunos negros, muitos dos quais não falam sequer uma palavra em inglês padrão.”

Contudo, o mesmo autor apresenta uma argumentação referente à mesma decisão, “De outro lado, os críticos acham que ela aumenta as segregações raciais e legitima o uso ‘errado’ do inglês padrão. Alguns consideram o *inglês negro* um dialeto e, por isso, não deve receber tratamento de língua estrangeira (OLIVEIRA, 2001, p.09)”.

Em relação à tradução de legendagem, Mendonça (2015) discute o papel da legenda no filme, analisando sua produção e entendendo seu papel, mais especificamente no filme *Laranja Mecânica*. O autor busca esclarecer como o processo de tradução da legenda pode influenciar na captação da identidade cultural dos personagens, uma vez que jogos de palavras numa língua podem perder seu efeito de evocação eufônica quando traduzidos, uma vez que nem sempre é possível encontrar termos semelhantes em significado, escrita e sonoridade.

As legendagens do filme *Laranja Mecânica* tem importância na criação da identidade, segundo o autor acima citado:

No texto de Burgess, a gíria contribui para a criação da identidade do grupo e causar desconforto ao leitor, tanto que as edições inglesas do livro não continham notas de rodapé ou um glossário do dialeto da gangue, diferentemente da versão brasileira, que possui o dicionário nas últimas páginas do livro, facilitando a leitura. (MENDONÇA, 2015, p.53).

Contudo, diferente de um livro, a legenda em filmes não tem opção de notas de rodapé ou no final da obra.

Mendonça menciona que há casos de não haver tradução perfeita para o que é dito, o valor de entendimento deve ser tratado como prioridade:

Por mais perfeitas que sejam as traduções das legendas, muito do contexto do áudio é perdido na hora da transcrição, já que essa tradução não é feita de maneira automática e nem sempre existe uma “equivalência” na língua meta do que foi dito na língua da produção (MENDONÇA, 2015, p.48).

O *ebonics* costuma possuir apelativos para o linguajar mais sujo. Sendo essa uma característica dele, as ideias de restrições devem ser aplicadas? Se sim, alteram seu valor? Tal questionamento é com base na seguinte citação:

Para se adequar a perfis comerciais e restrições de faixa etária, algumas obras são adaptadas para um linguajar isento de palavrões e/ou palavras que possam ser interpretadas como de baixo calão, fato que pode distorcer completamente o entendimento do filme ou série em questão (MENDONÇA, 2015, p.48).

Assim, com base nas pesquisas realizadas, podemos dizer que a legendagem foi o sistema encontrado para solucionar a problemática do cinema sonoro para não falantes do idioma em que o filme é produzido. Entretanto, a tradução das falas de um filme para outro idioma leva em consideração diversos fatores, não se limitando apenas a uma transportação mecânica de um idioma para outro, mas sim sendo uma adaptação que leva em conta muito mais que fatores semânticos e regras gramaticais. O tradutor acaba tendo a obrigação de entender os diálogos, interpretá-los e traduzi-los, facilitando sua acessibilidade, mas é um trabalho que não pode ser feito sem perdas, pois cortes e adaptações se fazem necessários. O leitor não-anglófono tem seu foco principal na legenda e não na observação das cenas e audição das falas. Assim, sotaques, entonações, conotações e dialetos são nivelados ou até mesmo perdidos. Dessa forma, apesar de a legenda ser o fator inclusivo para o público lusófono, marcas importantes do filme perdem-se no caminho, já que são necessárias

adaptações textuais nesse processo, interferindo de maneira significativa no entendimento do produto audiovisual.

Análise e discussão dos dados

Apesar do frequente uso da variação da língua na série, a legenda traz apenas o português padrão, ignorando características socioculturais dos personagens que são entregues no modo de falar. Para a análise, selecionamos as seguintes características do BEV apresentadas por Labov (1972):

A Negação: As negativas são formadas diferentemente do Inglês Americano padrão. O uso de *ain't* como indicador geral da negativa.

BEV - AAVE	SE (standard English)
<i>ain't</i>	<i>am not, isn't, aren't, haven't and hasn't.</i>
<i>ain't</i>	instead of <i>don't, doesn't, or didn't</i> (e.g., <i>I ain't know that</i>)

Fonte: Labov (1972)

Também temos as características gramaticais como a omissão do verbo “to be”, resumida na tabela abaixo:

BEV - AAVE	SE (standard English)
You crazy	You're crazy
<i>She my sister</i>	She's my sister
<i>Who you?</i>	"Who're you?"
<i>Where you at?</i>	Where are you (at)?

Fonte: Labov (1972)

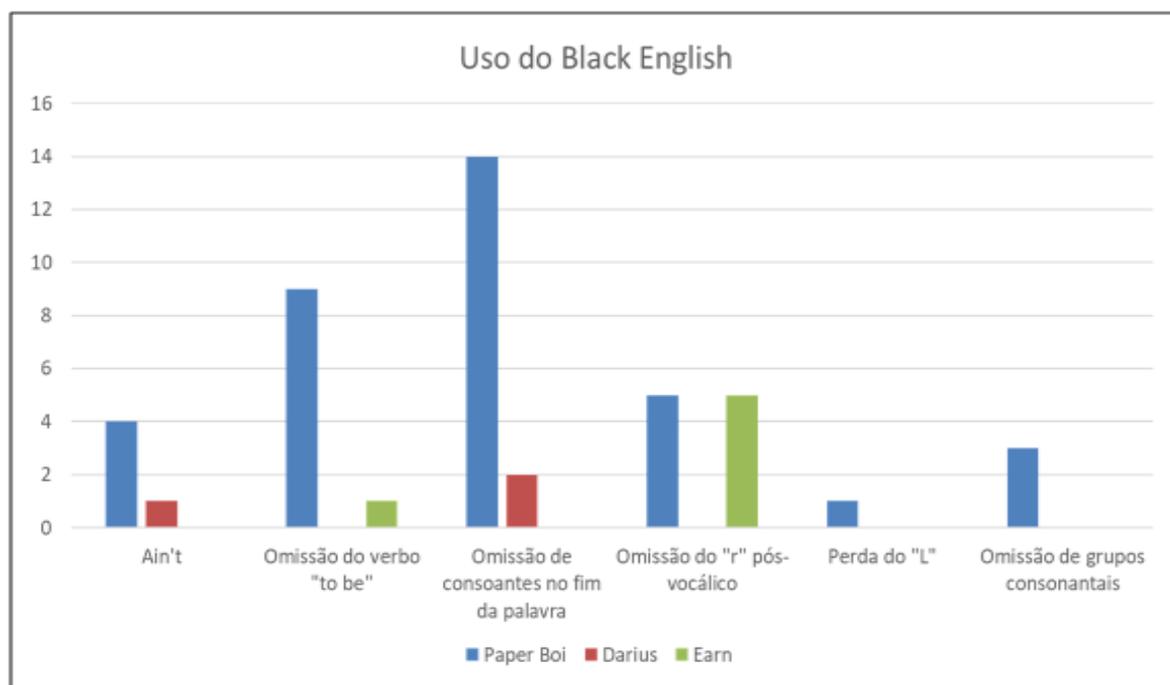
Tabela 2: Algumas características do *Black English Vernacular* (BEV)

Omissão do “r” pós vocálico	Perda do “l”	Omissão de grupos consonantais.
O inglês negro segue o modelo dos dialetos norteamericanos em geral que consiste na supressão do [r] pós-vocálico, ou sua substituição por [a], como ocorre na pronúncia usual das regiões nordeste e sul.	a perda do l é muito mais freqüente entre os falantes negros do que entre os brancos (...), acarretando a formação de homófonos, como toll ‘pedágio’ e toe ‘dedo do pé’, all ‘todos’ e awe ‘medo’, tool ‘ferramenta’ e too ‘também’.	as oclusivas sonoras [b], [d] e [g] são freqüentemente ensurdecidas em posição final no discurso negro, podendo em alguns casos sofrer uma queda final.

Fonte: feita pelo próprio autor (2021)

Com base nas características do BEV, analisamos as legendagens das personagens da série em questão, a fim de detectar possíveis ocorrências da variação linguística do inglês.

Abaixo apresentamos um gráfico que sintetiza e mostra a incidência do BEV nos três primeiros episódios da série *Atlanta*:



O personagem analisado que fez mais uso do BEV foi Paper Boi, um rapper em ascensão primo de Earn, personagem que também foi analisado. Apesar de ambos serem da mesma cidade e terem crescido juntos, Earn foi para a faculdade e seus momentos de uso do *Black English* ocorreram apenas em diálogos com seu primo, retratando a relação e efeitos na língua entre estudos formais e a vida no subúrbio. Darius, o terceiro personagem analisado, apesar de estar presente em quase todos episódios, possui poucas falas, mas ainda assim faz uso frequente do *Black English*, tendo ainda mais exemplos de uso do que Earn, que é o personagem principal.

Abaixo apresentamos tabelas de alguns trechos como exemplos de ocorrências do uso do BEV na série:

USO DO "AIN'T"			
Black English	Standard English	Tradução da legenda	Comentários/sugestões
People ain't just nice, Earn.	People are not just nice, Earn.	As pessoas não são boas assim.	Pessoas num são boas assim.
But ain't nobody seen the body since the funeral.	But haven't anybody seen the body since the funeral.	Mas ninguém viu o corpo desde o funeral.	Mas ninguém nem viu o corpo desde o funeral.
You should be. Ain't you homeless?	You should be. Aren't you homeless?	Não é um sem teto?	Cê né sem teto?
I ain't seen or heard from you since my mom funeral.	I have not seen you since my mom's funeral.	Eu não ouvi nada de você desde o funeral de minha mãe.	Eu num ouvi nada de você desde o funeral de minha mãe.
I ain't eat in here.	I didn't eat in here.	Não comi lá dentro.	Num comi aqui.
Look, I ain't mean to get in your business.	Look, I didn't mean to get in your business	Olhe, não queria me meter nos seus negócios.	Olhe, num queria me meter nos seus negócios.

Fonte: criação própria

A tabela acima visou apresentar trechos da série em que aparecem ocorrências do BEV, assim como a correspondência no inglês padrão, seguido das traduções das legendagens que aparecem na norma padrão da língua portuguesa e de sugestões de legendagem feitas por nós para que a variação linguística do original fosse considerada.

OMISSÃO DO VERBO "TO BE"			
Black English	Standard English	Legenda Brasileira	Comentários/sugestões
They taking a minute, man.	They're taking a minute, man.	Eles estão demorando, mano.	Tão demorano, mano.
They cool up there.	They're cool up there.	Dá pra se divertir lá.	Na dublagem eles falam "é bem de boa lá".
Ooh, boy, you think you slick. You coming in here acting like you saving me when really I'm saving you again.	Ooh, boy, you think you are slick. You are coming in here acting like you are saving me when really I'm saving you again.	Você se acha esperto, tentado agir como se viesse me salvar, quando eu é que estou te salvando.	
That's the new leather you smelling. You smelling it wrong.	That's the new leather you are smelling. You are smelling it wrong.	É couro novo, está cheirando errado.	Tu tá cheirando couro novo. Cherou errado.
Damn, man, we late.	Damn, man, we're late.	Droga, estamos atrasados.	Droga, tamo atrasado.

Fonte: criação própria

Nos exemplos da tabela supra, verificamos a omissão do verbo *to be*, como aparece na norma padrão da língua inglesa, e a legendagem em língua portuguesa em norma padrão. No final, apresentamos comentários de legendagem a fim de que as falas mantivessem uma forma mais próxima da forma dialetal apresentada.

A seguir, a tabela que mostra a omissão de consoantes no final das palavras apresenta a mesma situação dos exemplos anteriores, ou seja, a norma padrão a língua portuguesa na tradução das legendas. Apresentamos algumas formas de legendagem como meio de manter a forma original da língua inglesa.

OMISSÃO DE CONSOANTES NO FIM DA PALAVRA

Black English	Standard English	Legenda Brasileira	Comentários/sugestões
Yeah, man, don' use it to drink.	Yeah, man, don't use it to drink.	Não, não tome.	É, cara, num toma não.
You wan' in on Paper Boi.	You want in on Paper Boi.	Quer fazer parte de Paper Boi, não?	
Say wha'? You gotta weir' wife, you know that, hur?	Say what? You got a weird wife, do you know that, hur?	O quê? Sua mulher é estranha, tio.	
And I don' trus' him, no offense.	And I don't trust him, no offense.	Não confio nele, sem querer ofender.	Num confio nele, sem ofensas.
She wa' trying not to loo'.	She was trying not to look.	Ela tentava não olhar.	Ela num queria olhar.
I jus' wen' ou' for a second.	I just went out for a second.	Só saiu um pouquinho.	

Fonte: criação própria

Na última tabela apresentada abaixo, mostramos exemplos de mais de uma aplicação na sentença, e, notamos que a forma padrão da língua portuguesa aparece na tradução da legendagem, repetindo o que aparece nas tabelas anteriores. Sem considerar a variação linguística.

MAIS DE UMA APLICAÇÃO NA SENTENÇA			
Black English	Standard English	Legenda Brasileira	Comentários/sugestões
I think I'm bein' more than fai' asking fo' compensation.	I think I'm being more than fair asking for compensation.	Acho que mereço uma compensação.	
That ain't real' you lane.	That isn't really your lane.	Não é a sua.	Né a sua.
How's Princeton by the way? Still on tha' yea' of'? Three yea's a lon' yea' of'.	How's Princeton by the way? Still on that year off? Three years is a long year off.	Como está Princeton? Ainda no ano de pausa? Três anos é muito tempo.	
Man, nigga, I ain't seen or heard f'om you since my mom' funeral.	Man, nigga, I haven't seen or heard from you since my mom's funeral.	Cara, eu não ouvi nada de você desde o funeral de minha mãe.	Cara, num ouvi de você desde o funeral de minha mãe.
You too ho'.	You're too hot.	Você está bombando.	Cê tá quente.
I just... getting this weir', like, energy today.	I'm just... Getting this weird, like, energy today.	Hoje estou com uma sensação estranha.	Tô com uma sensação estranha hoje.

Fonte: criação própria

Considerações finais

Com base no exposto e discutido nos itens anteriores, verificamos a predominância da norma padrão ao traduzirem as legendas. A seguinte constatação será mais explicada nos itens abaixo.

As traduções das falas destacadas não contemplam a variação linguística dos personagens. Existe uma tendência em salientar o uso da norma padrão ao traduzir a legendagem mesmo quando sua adaptação poderia ocorrer facilmente, como é o caso da tradução do *ain't* para formas abreviadas ou modificadas do “não”, como nos exemplos “num” e “né”. Com base nos dados analisados, observamos que a variação de maior repetição foi a omissão de consoantes no fim das palavras, ocorrendo em 35,5% das falas destacadas justamente por sua maior probabilidade de ocorrer, uma vez que é possível ser realizada em

qualquer frase, ao contrário da omissão do verbo *to be* e uso do *ain't* que necessitam de situações específicas para sua ocorrência.

A pesquisa reforçou a necessidade em analisar diferenças linguísticas e provou que a atual tradução de legendagem trata com irrelevância o valor sociolinguístico de personagens que se diferem da norma padrão. O motivo para tal irrelevância varia desde uma questão de descaso, visto que, por se diferenciar do inglês padrão, o tradutor pode tomar o *Black English* como um modo errado do inglês e ignorar suas nuances; ou uma questão de falta de conhecimento no assunto, uma vez que estudantes da linguística costuma ter um conhecimento maior sobre o BEV do que tradutores que exercem a função por notório saber.

Referências

FARACO, Carlos Alberto et al. **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. 1ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 320p. (Educação Linguística;11).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 7.ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LABOV, W. **Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular**. Philadelphia, Pennsylvania Press, 1972.

MENDONÇA, Bruno Marques de. A legendagem nas produções audiovisuais: suas contribuições e interferências no entendimento do filme *laranja mecânica*. **Temática**, Ano XI, n. 06 - Junho/2015. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>. Acesso em: 02.abr.2019.

DOI: <https://doi.org/10.29327/232521.9.1-8>

OLIVEIRA, João Bittencourt de. Ascensão do dialeto dos negros norte-americanos como marca de identidade cultural. **Revista Philologus**, ano 7, nº 20, maio/ago. 2001. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/20/01.pdf>. Acesso em: 02.abr.2019.

SARIAN, M.C. A Linguagem Não-Padrão Na Literatura Traduzida: Teorias e Políticas Sob Análise. Edição nº 007, Julho 2008. **Revista Ecos**. Disponível em: <http://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/971>. Acesso em: 31.mar.2016 .

TARALLO, Fernando Luiz. **A pesquisa sociolinguística**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986. Série Atlanta. Disponível em: <https://www.netflix.com/br-en/title/80123779>. Acesso em: 08.jun.2021.

Submetido em: 30/05/2021

Aprovado em: 10/09/2022